

**A GÊNESE DO ESPAÇO URBANO COMO ABISMO EM DUAS  
NARRATIVAS DE CONCEIÇÃO EVARISTO**

**THE GENESIS OF URBAN SPACE AS AN ABYSS IN TWO  
NARRATIVES BY CONCEIÇÃO EVARISTO**

Francis Willams Brito da Conceição (UFPE)

[francis.brito@ufpe.br](mailto:francis.brito@ufpe.br)

<https://orcid.org/0000-0003-4190-9504>

Alfredo Adolfo Cordiviola (UFPE)

[Alfredo.cordiviola@ufpe.br](mailto:Alfredo.cordiviola@ufpe.br)

<https://orcid.org/0000-0002-3567-5003>

**RESUMO:** Neste artigo, focaremos nos deslocamentos e nas percepções do espaço criados através do movimento de corpos que transitam pelos entre-lugares, marcando um (não) pertencimento, temática recorrente nos textos literários produzidos por mulheres negras. Considerando que algumas teóricas dos estudos sobre o espaço, como Massey (2008, p. 69), podem dialogar com o conceito de “erosão do espaço heterogêneo”, de Foucault (2013, s/p), ao ressaltar a afetação espacial que os corpos, socialmente marginalizados, sofrem nos contextos globais de poder (BHABHA, 1998, p. 292), investigaremos a representação de dois espaços nomeados, respectivamente, Buracão e Grota, presentes no romance “Becos da Memória” (2017) e no conto “Grota Funda” (2017), de Conceição Evaristo. Para tanto, nos basearemos nas discussões de Conceição Evaristo (2005), Nazareth Fonseca (2017), Simone Schmidt (2016), entre outros. Ademais, a hipótese que norteará este estudo é que, a representação do abismo no conto, tem sua gênese no romance, no Buracão da favela.

**PALAVRAS-CHAVES:** Conceição Evaristo; espaços urbanos; gênese do abismo; representação.

**ABSTRACT:** In this work, we will focus on the displacements and perceptions of space created through the movement of bodies that transit in the in-between places, marking a (non)belonging, a recurring theme on the literary texts produced by black women. Considering that some theoreticians of space studies, as Massey (2008, p. 69), can discuss with the concept of "erosion of the heterogenous space", by Foucault (2013, s/p), by emphasizing the spatial affection that the bodies, socially marginalized, suffer in the global contexts of power (BHABHA, 1998, p. 292), we will investigate the representation of two spaces nominated, respectively, Buracão and Grota, found in the romance “Becos da Memória” (2017) and in the short story "Grota Funda" (2017), by Conceição Evaristo. Therefore, we will be based on the

*discussions of Conceição Evaristo (2005), Nazareth Fonseca (2017), Simone Schmidt (2016), among others. Furthermore, the hypothesis that will orientate this study is that the abyss representation in the short story, has its genesis in the romance, in the Buracão of the favela.*

**KEYWORDS:** Conceição Evaristo; spaces; abyss genesis; representation.

## ***1 Introdução***

As teorias do espaço possuem perspectivas de abordagens multidimensionais e são atravessadas por interesses de inúmeras áreas do conhecimento, funcionando como um campo de estudos transdisciplinares, conforme aponta Brandão (2007). Sendo assim, por este trabalho se tratar de uma abordagem teórica no âmbito dos estudos literários, não obstante as concepções de espaço tenham diferentes modos de investigação na teoria da literatura, optamos por desenvolver um percurso teórico que contemple os espaços literários como formas de representação (BRANDÃO, 2007, p. 208).

Para Brandão (2007, p. 208), mesmo a abordagem do espaço como representação passa por transformações metodológicas ao longo do tempo, podendo-se constatar tal fato, por exemplo, a partir, das cartografias dos espaços em mapas medievais nos quais se verificavam as construções topoanalíticas. Assim, conforme mudam os interesses culturais, modificam-se, conseqüentemente, as representações e os modos de visualização dos espaços nos contextos socioculturais e estéticos. Dessa forma, costuma-se, geralmente, não identificar tantas problematizações acerca dos conceitos relativos à espacialidade, uma vez que estes se enquadram como “categorias já existentes no mundo não ficcional” (BRANDÃO, 2007, p. 208) e que, por conseguinte, estão em constantes transformações:

[o espaço] é dado como categoria existente no universo extratextual. Isso ocorre, sobretudo, nas tendências naturalizantes, as quais atribuem ao espaço características físicas, concretas (aqui se entende como “cenário, ou seja, lugares de pertencimento e/ou trânsito de sujeitos ficcionais e recurso de contextualização da ação) (BRANDÃO, 2007, p. 208).

Destarte, entender o espaço literário a partir de sua dimensão geofísica, isto é, como o ambiente de transição dos sujeitos ficcionais, é fundamental para apreender a configuração espacial de *Becos da Memória* (2017), pois o enredo se estrutura através de uma movimentação, por um lado, nos becos de uma favela em processo de despovoamento – pensando em um plano de dimensão geográfica; e, por outro, nos espaços rurais em que ainda existiam profundas

sequelas do sistema *plantation*, pertencente ao processo de colonização – enxergando o espaço como memória da escravização dos negros, visualizando um plano de dimensão social.

Em se tratando do conto *Grota Funda*, presente na antologia *Histórias de leves enganos e parecenças* (2017), observa-se fortemente uma dimensão geográfica atrelada à perspectiva discursiva, pois se desencadeia uma relação entre a capacidade argumentativa das personagens, – e, também, da voz narrativa – ao tentarem, ao longo da trama, descrever as características físicas da “grota funda” e, conseqüentemente, as imagens psíquicas que o buraco, a partir da tragicidade dos eventos associados a ele, evoca no protagonista após a visita à grota, garantindo ao enredo a possibilidade de um desfecho enigmático.

Diante de tais pressupostos, nosso interesse é analisar a recorrência da imagem da grota nas duas narrativas de Conceição Evaristo, textos literários que, a nosso ver, quando representam tal espaço, dialogam com a ideia de “erosão do espaço” – na linha de Foucault (2013, s/p), com a percepção de “espaço de devaneio”, de Guattari (1992, p. 154) e com a concepção de “personagem politópica”, de Borges Filho (2008, p. 7), quando visa à representação dos buracos por meio de uma semelhança espacial, apresentando um espaço inserido num espectro de similaridades, o que induz seus interlocutores a não prescindir da hipótese da originalidade de um em outro. Buscaremos ainda apresentar traços de convergências e dissonâncias nas descrições do abismo nos textos, enfatizando como a grota, visitada por Alípio de Sá, pode ter sua gênese no Buracão da favela, apresentado em *Becos da Memória*.

Sendo assim, esse artigo se dividirá nas seguintes subseções: no primeiro momento, apresentamos os aportes teóricos que discutem os conceitos de similaridade de espaços, relacionando-os com outros textos que enfatizam os estudos sobre o espaço e representações sociais, a exemplo de Bhabha (1998), Borges Filho (2008), Dalcastagnè (2008), Evaristo (2005), Oliveira (2016), Schmidt (2016), entre outros. No segundo momento do trabalho, abordamos as caracterizações e representações da grota nas narrativas evaristianas, elencando as repercussões do Buracão de *Becos da Memória* em *Grota Funda*, através de elementos sobre a sua gênese da grota no Buracão, a partir dos conceitos de genealogia (ideia de origem e de proveniência), de Finazzi-Agrò (2013, p. 43). Além disso, apresentamos as interferências desses ambientes na trajetória das personagens Cidinha-Cidoca e Alípio de Sá, utilizando os conceitos de “desdobramento do espaço de devaneio”, de Guattari (1992). Por fim, as considerações finais, que versam sobre os resultados da experiência das personagens face à erosão que o próprio espaço impõe.

## **2 Representações espaciais em “Becos da Memória” e “Grotta Funda”**

*Becos da Memória* – romance de Conceição Evaristo, originalmente escrito na década de 1980 e publicado em 2006 – apresenta aspectos literários que se alocam entre o corte biográfico e o memorial, segundo aponta Oliveira (2016). Para o autor, esse corte ficcional autobiográfico se dá justamente pelo “comprometimento e a identificação da intelectual afrodescendente com aqueles colocados à margem do que o discurso neoliberal chama de progresso” (OLIVEIRA, 2016, p.72). Nesse sentido, Simone Schmidt (2016, p. 101) afirma que o romance começa celebrando a vida destas personagens, pertencentes aos grupos sociais marginalizados, ora pelo discurso político ora pela representação literária, e que, de alguma maneira, “constituem a matéria de que são povoados os ‘becos’ da memória viva que aqui [no romance] se transforma em escrita” (SCHMIDT, 2016, p. 101).

De fato, a teoria da literatura tem enfatizado, em diversos momentos, a relação estabelecida entre a personagem e o espaço no romance. Quando pensamos em uma narrativa, automaticamente vislumbramos uma série de categorias elementares e estruturais na composição de um texto ficcional: personagem, espaço, tempo, narrador, foco narrativo, entre outros. A partir desse ponto, principia-se um paradigma dialógico entre as marcas de espacialidade e a trajetória de uma personagem:

Geralmente, da leitura de um romance fica a impressão duma série de fatos, organizados em enredo, e de personagens que vivem estes fatos. É uma impressão praticamente indissolúvel: quando pensamos no enredo, pensamos simultaneamente nas personagens; quando pensamos nestas, pensamos simultaneamente na vida que vivem, nos problemas em que se enredam, na linha do seu destino – traçada conforme uma certa duração temporal, referida a determinadas condições de ambiente (CANDIDO, 2014, p. 53).

Desse modo, segundo Candido, estudar a categoria espaço é, possivelmente, uma maneira de investigar os problemas que entornam a trajetória de vida das personagens nos ambientes pelos quais elas transitam, que podem ficcionalmente representar ou evidenciar os problemas que permeiam a realidade de determinados grupos sociais, como enfatiza Dalcastagnè (2008, p. 78). Nesse sentido, a escrita ficcional encadeia uma série de questões de representação que se faz pertinente aos estudos literários contemporâneos:

A quem se representa, e como se representa, são, assim, questões cruciais para o discurso literário, visto, aqui, numa imagem que nos remete a Bakhtin (1981), como

uma arena onde disputam constantemente as diversas forças políticas em que se constituem os grupos sociais (SCHMIDT, 2017, p. 186).

Por esta razão, Conceição Evaristo, remetendo-se ao modo de representação literária que ela emprega em suas produções e à forma como ocorre a articulação entre os espaços narrados e o processo de ressignificação histórica que sua obra se propõe a realizar, afirmou que a escrita é “um modo de ferir o silêncio imposto, ou ainda, executar um gesto de teimosa esperança... é o movimento de dança-canto que meu corpo não executa, é a senha pela qual eu acesso o mundo” (2005, p. 202). Desse modo, a obra literária da autora pode legitimar e demarcar claramente esse espaço de representação de grupos sociais marginalizados pelo sistema literário ao longo do tempo, mostrando os espaços geofísicos e sociais pelos quais esses corpos transitam.

Sendo assim, ao lermos suas narrativas, percebemos a recorrência de imagens, personagens, corpos e espaços incidentes. São representações recorrentes: as personagens negras (Maria-Nova, Cidinha-Cidoca, Ditinha, Vó Rita, entre outras); os espaços que remetem ao processo de escravização dos negros (como fazendas coronelistas, o *plantation* e as vilas rurais) e os cenários que apontam a colonialidade do espaço (favelas, becos e periferias). Tais fatos nos possibilitam estudar as perspectivas literárias e teórico-críticas que articulam a investigação dessas imagens (re)incidentes na ficção evaristiana como uma contribuição para os estudos literários contemporâneos.

*Becos da Memória* desenvolve-se entre dois espaços, que não necessariamente são permeados por uma fronteira, utilizando a concepção de Borges Filho (2008, p. 6-7), pois não há nenhuma espécie de obstáculo geofísico que separe as personagens e ações, a não ser a necessidade ou desejo de não estarem naquele determinado lugar, como é o caso dos territórios de escravização. A marcação dos dois macroespaços que dividem a narrativa dá-se pelo trânsito das personagens que realizaram o processo de migração para a cidade, a exemplo de Tio Totó, Negro Alírio e a própria família de Maria-Nova. A esses tipos de personagem, Borges Filho (2008, p. 11) chamou de “personagens politópicas”, pois ultrapassam seu próprio cenário sem a necessidade de fronteiras (BORGES FILHO, 2008, p. 7), como podemos notar no fragmento do romance:

Totó juntou a mulher, a filha e alguns trapos. Nem ele, nem ela tinham mais pais vivos. Um surto de tuberculose, que começara na casa-grande, assolara também os escravos. Iriam partir, queriam esquecer as histórias de escravidão, suas e de seus pais. Foram dias e dias sobrevivendo pelo mato. Lembravam histórias mais amenas de campo, de vastidão, de homens livres, em terras longínquas. Lembravam-se de deuses negros,

reais, constantes e tão diferentes daquele Deus-Jesus de que tanto falavam os senhores e os padres. Nesta hora vinha a dor fina como um espinho rasgando o peito (EVARISTO, 2017, p. 20).

O trecho acima retrata os primeiros movimentos da personagem Totó e sua família, momento em que saíam das fazendas do Coronel Jovelino, em busca de um espaço onde as histórias de escravidão não se fizessem tão cruéis à sua memória. Após isso, sucessivas migrâncias impulsionaram Tio Totó a ressignificar a vida no contexto urbano, após a morte da esposa, conduzindo-o à habitação na favela, que constitui, a partir de então, o segundo macroespaço desta narrativa:

Perdi um lugar, uma terra, que pais de meus pais diziam que era um lugar grande, de mato, bichos. De gente livre e sol forte... E hoje, agora a gente perde um lugar de que eu já pensava dono. Perder a favela! Bom que meu corpo já está pedindo terra. Não vou mesmo muito além. Se eu tivesse mais moço, começava em qualquer lugar novamente (EVARISTO, 2017, p. 29).

Notemos que a trajetória de deslocamento espacial, que marca a vida de Tio Totó, perpassa consequentemente o enredo, pois sua história vitaliza o que Schmidt (2016, p. 101) chamou de “a força da narrativa”, uma vez que o velho é a propulsão narrativa das memórias que povoam os laços familiares de Maria-Nova. Não obstante, o exemplo de sua caminhada entre a vila e favela embasa a ideia de pluralidade do espaço, bem como fomenta as tipologias elencadas por Borges Filho (2008, p. 7): “pode-se concluir que, do ponto vista espacial, a narrativa pode ser dividida em narrativas: monotópicas, bitópicas e politópicas”.

Nesse sentido, essa personagem politópica, que transita por lugares ficcionais sem a necessidade de ultrapassar determinadas fronteiras, denota, de certa forma, uma fragmentação sistêmica dos cenários habitados por trajetórias de vida, identidades heterogêneas e corpos negros, que se afiguram, por exemplo, nos entre-lugares da memória de Maria-Nova, de Totó, Bondade e outros. Isso leva-nos a afirmar que, do mesmo modo que as personagens, os espaços ficcionais também marcam essa heterogeneidade afeiçoada à composição dos contextos pós-modernos, para utilizar a ideia de heterogeneidade similar do sujeito e do espaço pós-modernos de Bhabha (1998). Assim, a concepção de Foucault (2013, s/p), de que o espaço onde esses sujeitos contemporâneos se inserem, marca não apenas sua heterogeneidade, como também a degradação do indivíduo:

O espaço em que vivemos, pelo qual somos lançados para fora de nós mesmos, no qual se desenrola precisamente a erosão de nossa vida, de nosso tempo e de nossa

história, esse espaço que nos corrói e nos erode é também, em si mesmo, um espaço heterogêneo (FOUCAULT, 2013, s/p).

Essa identificação entre a erosão da vida e a demolição do espaço da grota pode ser metaforizada pelas cenas de erosão do solo que estava na formação do relevo em torno do Buracão de *Becos da Memória*. A existência dos moradores da favela, à medida que o lugar é grosseiramente despovoado, vai se tornando inviável, como quaisquer ações paliativas para o estabelecimento de moradias em torno do abismo. Para os habitantes, o buraco crescia e tornava-se um abismo cada vez maior, confundindo-se com a imensidão do próprio mundo:

No meio da área onde estava situada a favela, havia um buraco imenso que crescia sempre e sempre na época de chuvas com os constantes desbarrancamentos. O local era conhecido por Buracão. O Buracão era grande, maior que o mundo talvez. Ali caíam bêbados e crianças distraídas. Mortes não havia, mas pescoços, pernas, braços quebrados, sim! (EVARISTO, 2017, p. 129).

A ideia de Foucault (2013, s/p) e a citação do texto literário podem levar-nos à reflexão de como a erosão do sujeito pós-moderno, que é heterogêneo como o lugar em que está inserido, reflete a erosão do abismo circundante, geralmente por razões que escapam à fenomenologia individual e, por conseguinte, alcançam patamares políticos, sociais e de interesse de classes. Aliado ao episódio da descrição do buraco, temos acesso às impressões de Tio Totó sobre como a destruição da favela e a erosão do espaço afetam a vida dos moradores:

Tio Totó escutava os barulhos dos tratores desejando ensurdecer. Aos poucos foi rareando as idas ao armazém de São Ladislau. Para chegar ao armazém, era preciso atravessar uma área da favela em que o bicho andava solto, arando, derrubando tudo e todos. [...] Agora ali, o corpo pedindo terra e ele assim tão vazio. Pensou que a vida e a morte fossem diferentes. Não, a vida e a morte são tudo a mesma coisa. É tudo rápido e lento, é tudo meio sem jeito (EVARISTO, 2017, p. 129).

A filosofia de vida, que se materializa na atmosfera discursiva de Tio Totó sob o rótulo da “vida e morte serem tudo a mesma coisa” (EVARISTO, 2017, p. 129), diz muito do dialogismo entre a persistência do Buracão na favela, erodindo as diversas camadas em sua volta, e o próprio processo de despovoamento do lugar, causando uma espécie de não possibilidade de pertencimento. Por isso, Tio Totó está sempre afirmando que o seu “corpo (está) pedindo terra” (EVARISTO, 2017, p. 129), a terra que falta ao Buracão, o Buracão que engole os barracos da favela, a favela que é despovoada pelo “bicho” (personificação do trator que derruba a tudo e todos) e os moradores que expõem suas vidas em constantes erosões,

semelhantes às que acontecem nesse espaço em que vivem. Essa sistematização de eventos parece ser um fenômeno cíclico para os sujeitos que a vivenciam, pois o Buracão se impusera desafiador e eterno, como “eternos eram Deus, o sofrimento e a dor fina no peito que Tio Totó possuía” (EVARISTO, 2017, p. 19). Assim, a duração do Buracão e sua relação com o espaço, podem ser vistos no fragmento adiante:

Os homens mais jovens e são subiam e desciam ali com facilidade. Desciam à cata do desaparecido. Os moradores mais próximos enchiam o Buracão de lixo. O Buracão foi um dos últimos, senão o último local da favela a desaparecer. O Buracão desafiava o mundo (EVARISTO, 2017, p. 129).

Após apontar as implicações da erosão do abismo nas vidas dos moradores, desenvolveremos uma leitura em diálogo com *Grota Funda*, narrativa curta com tons de realismo fantástico, que consiste, basicamente, em um enredo que se passa no entorno de uma gruta localizada em uma pequena cidade conhecida por Grota Funda. Esse abismo desperta a curiosidade dos moradores do município que, imediatamente, resolvem eleger o homem mais forte do lugar para adentrar o buraco. O protagonista é um homem eloquente, Alípio de Sá, que aceita o desafio de descer e examinar a fenda. Os efeitos de tal ação reverberaram de forma notável na aparência, fala e no estilo de vida que Alípio passa a ter após o episódio:

Quando Alípio de Sá voltou da gruta funda, seu rosto antes vivo, passou a estampar um olhar plácido, perdido no nada. Não só o olhar de Alípio esvaziou, mas também a fala. O homem que tinha eloquência maior do que muitos profissionais do Direito, passou a ter um vocabulário minguado, resumido a quatro ou cinco palavras (EVARISTO, 2017a, p. 31).

A partir desse evento, notabilizou-se na pequena cidade uma série de outros acontecimentos: a circulação de narrativas que tentavam descrever o enigma que rondava a vida dos moradores e o vínculo dessas estórias com a cratera; um conjunto de sensações que tomam as personagens, de modo a impulsioná-las à tentativa de descobrir a materialidade do mistério que, ao suscitar a curiosidade popular, serve também de paradigma para construção de lendas urbanas sobre tal gruta.

Na seção seguinte, abordamos os aspectos comparativos dos dois abismos – o Buracão, de *Becos da Memória*, e a gruta, de *Grota Funda* – objetivando investigar a origem da gruta no Buracão, a partir das analogias entre as trajetórias de Cidinha-Cidoca e Alípio de Sá e dos resultados que a aproximação com as fendas trouxeram para a vida de ambos.

### 3 A gênese da grota na escrita narrativa de Conceição Evaristo: diálogos espaciais

Na história cultural das civilizações, há uma grande problematização teórica acerca da ideia de gênese, origem ou começo. Tal fenômeno expande seus horizontes a partir da crítica da cultura, dialogando com as interfaces da teoria da literatura e possibilitando que alguns pesquisadores do campo literário desenvolvam estudos sobre a concepção de genealogia da memória histórica na literatura brasileira, através da crítica genética, como o fez Ettore Finazzi-Agrò (2013). Este autor afirma que “o problema está no início. O problema é o início” (2013, p. 43). Ainda retifica:

O lugar do início, nesse sentido, só pode ser indicado a partir da forma que ele assume e que o delimita e o institui, do mesmo modo como a forma é função do espaço e do tempo em que tudo começa. [...] a origem, entendida na sua forma e na dimensão que a contém e a molda, apresenta-se como uma noção autorreferencial, afigura-se, justamente, como uma noção lógica remetendo para si mesma: o início seria apenas aquilo que, por convenção, uma pessoa ou um grupo de pessoas decide assumir como início (FINAZZI-AGRÒ, 2013, p. 43).

Nessa acepção, a gênese de determinado ato, palavra, texto contexto ou ideia está diretamente ligada a uma perspectiva lógico-social, substantivada por pessoas ou comunidades que estabelecem tal fenômeno como o “lugar do início”, segundo aponta Finazzi-Agrò (2013, p. 43). Poderíamos acrescentar que tal lugar, que é definido como a origem, é o ponto de inauguração de uma estória. Por conseguinte, quando levantamos a hipótese de a origem da *Grota Funda* dar-se no buracão de *Becos da Memória*, estamos supondo a partir das semelhanças descritivas (projeções enigmáticas, a criação de narrativas de personagens que transitam por tais espaços), do parentesco espacial (dimensões, as designações grot/Buracão) e do próprio princípio da autorreferencialidade (ambos os abismos se referenciam logicamente como espaços vazios e que impõem perigo por sua vastidão), aspectos ressaltados por Finazzi-Agrò (2013, p. 43).

Ressaltamos ainda que não se trata de um estudo genealógico da representação do abismo na prosa evaristiana, pois demandaria um mapeamento de todas narrativas em que a imagem do abismo eventualmente apareça. Trata-se, no entanto, de uma investigação acerca da possível proveniência do abismo da cidade de Grota Funda no Buracão da favela, partindo do princípio da similaridade que existe entre ambas as fendas. Logo, sabendo da problemática da “origem” nos estudos de proveniência espacial, passamos, então, a discutir as similaridades entre os abismos nas narrativas selecionadas.

Quando nos remetemos ao Buracão de *Becos da memória*, percebemos que sua configuração está associada a uma projeção imagética e de descrições de um ambiente na narrativa. Por outro lado, a representação também é social, pois a cratera é um lugar que traduz as demandas dos moradores da favela, constantemente ligada aos anseios e desejos das personagens:

O Buracão parecia mais feroz ainda. Antes, quando ele tinha barracos pendurados ao redor, sua boca parecia menor. Agora, os barracos já haviam desaparecido e as famílias também. O bicho pesadão havia aplainado toda a área ao redor do Buracão. Às vezes, vinha tão próximo que dava a impressão de que despencaria pelo precipício abaixo. Rogávamos praga e desejávamos sinceramente que isso acontecesse (EVARISTO, 2017, p. 151).

Confirmando a ideia de uma projeção imagética e social do buraco, esta citação do romance aponta algumas metáforas relacionadas tanto ao abismo quanto ao trator que fazia o serviço de demolição e destruição da favela. Isso pode ser constatado a partir da oração: “O Buracão parecia mais feroz ainda”, quando a voz narrativa se utiliza de um processo de adjetivação para atribuir uma característica sentimental relativa aos seres vivos, a fim de personificar o espaço, prenunciando a atividade de erosão constante que assola o Buracão.

Observamos ainda a imagem do trator trabalhando ao redor da enorme fenda, que funciona como um ponto de tensão social na projeção imagética do buraco, pois a máquina, adjetivada metaforicamente de “o bicho”, representa a miséria e a desestabilização sociopolítica dos moradores da favela que não tinham um lugar para abrigá-los. O buracão se autorreproduz, consome mais e mais de si por conta própria, enquanto que o trator é o elemento externo que vem desafiar as bordas do lugar.

Dimas (1987, p.8) chamou esse fenômeno de representação do espaço de “verismo fotográfico”, porque indica um ponto de tensão que reforça as imagens espaciais da narrativa, enfatizando uma espécie de “realismo de situação ambiental” (DIMAS, 1987, p. 8). O fator de erosão do espaço condiciona as sucessivas etapas de afetação dos corpos que pairam sobre sua heterogeneidade. Nesse sentido, o Buracão e o trator são verdadeiras máquinas funcionais de um movimento esmagador, como afirma Guattari (1992, p. 158):

O alcance dos espaços construídos vai então bem além de suas estruturas visíveis e funcionais. São essencialmente máquinas, máquinas de sentido, de sensação, máquinas abstratas funcionando como o “companheiro” anteriormente evocado, máquinas portadoras de universos incorporais que não são, todavia, universais, mas que podem trabalhar tanto no sentido de um esmagamento uniformizador quanto no de uma re-singularização libertadora da subjetividade individual e coletiva.

A hipótese levantada por Guattari (1992, p. 158) funciona como um eixo catalisador das duas representações do abismo nas narrativas em foco. Enquanto o Buracão está diretamente ligado à representação imagética com tensão social, a grota está mais centralmente ligada às atividades discursivas – e, portanto, relativas aos “universos incorporais” (GUATTARI, 1992, p. 158) – sobretudo, as que dizem respeito às vidas das personagens da trama. Vejamos as descrições sobre Alípio de Sá, após participar do torneio municipal que objetivava desvendar o enigma da grota funda:

Mas pior do que as frases magras, sem adjetivo algum, era a monotonia da voz, que molemente saía dos movimentos quase imperceptíveis dos lábios dele. Uma enunciação monocórdia, repetitiva, que evocava um refrão de uma ladainha rezada sem fé, traduzia o estado de torpor em que Alípio se encontrava. Tudo se deu, depois que o homem, antes destemido, aceitou o desafio imposto pelos amigos e se dispôs a descer pelo abismo de Grota Funda (EVARISTO, 2017a, p. 31).

Na passagem acima, há uma finalidade de representação que dialoga com o pressuposto de que determinados espaços são apresentados a partir de uma perspectiva que multidimensiona as imagens que eles reverberam (numa cadência em que os abismos seriam possivelmente espaços em processo de se tornar “não-espaços”). Além disso, acontece de haver uma ação de não dimensionamento da imagem e representação da grota, a qual se dá por meio da obstrução parcial da atividade discursiva evidenciada na “enunciação monocórdia” de Alípio. O estado de torpor da referida personagem acaba por, de certa forma, desestabilizar a ideia de que a descrição/representação dos espaços se dê recorrentemente pelas palavras, como enfatiza o texto a seguir:

O “espaço da representação”, de certa maneira, é um pleonasma, pois pensar nos termos da representação é trabalhar com o paradigma espacial, onde as palavras se sobrepoem às coisas numa relação de correspondência ou analogia, isto é, numa relação que pertence ao âmbito estático do espaço. A “retirada do saber e do pensamento” desse espaço, ou então do espaço, leva à sua inserção no tempo através da projeção de finalidades e a invenção de origens (OTTE, 2007, p. 238).

Esse estado de “retirada do saber e do pensamento” (OTTE, 2007, p. 238) pode ser exemplificado pelas atitudes comportamentais de Alípio de Sá ao voltar da grota, pois suas ações tipificavam seu completo estado de letargia. Essa característica de inanição das personagens face aos movimentos de erosão do Buracão, ou diante da trama dos homens da cidadezinha para descobrir o mistério que circunda a grota funda, repercute a ideia de que a

degradação do espaço significa, também, a erosão do próprio indivíduo. Tal fato pode ser notado no processo de afetação de outras personagens do romance, além de Tio Totó:

O Buracão parecia crescer na área vazia da favela que se esvaziava ainda e ainda. Era uma imponente cratera. De cá de fora sentíamos e imaginávamos a umidade lá dentro. Era todo úmido o vazio do buraco. Era todo úmido o canto dos olhos de quem retinha as lágrimas. Maria-Nova não aguentava mais era o coração explodir-lhe nos olhos e no peito (EVARISTO, 2017, p. 158).

Aqui podemos visualizar o entrelaçamento das características geofísicas do Buracão aos sentimentos de tensão e tristeza que assolam a protagonista. Além disso, podemos supor que isso esteja atrelado aos “desdobramentos do espaço de devaneio” (GUATTARI, 1992, p. 153-154), que consiste em uma alocação simultânea de “pontos de fuga” e uma espécie de “ponto de vista moral e afetivo” que o espaço oferece aos seus transeuntes. Sendo assim, os sentimentos de tristeza emanados de Maria-Nova são produzidos pela afetação promovida pela “discursividade espacial”, fazendo com que os corpos que transitam em seu entorno sejam submersos nessa ligação afetivo-moral do ambiente.

Desse modo, as ideias de Guattari (1992, p. 153-154) se relacionam ainda mais com as discussões propostas, quando encaminhamos a nossa leitura sobre o Buracão para a ação que se constitui como o desfecho da história da enorme cratera: o episódio da morte súbita de Cidinha-Cidoca.

Um dia, de cá de cima, percebemos um ponto humano lá em baixo. Seria um velho, um bêbado, uma criança? Tínhamos medo. Bobagem, uma queda no Buracão, quebrava-se ou não. Morte nunca havia tido antes. Ninguém dera falta de ninguém. Era um domingo de manhã. Os homens mais fortes desceram até o fundo. Vimos que eles traziam alguém no colo, desmaiado talvez. E a certa distância, já quando eles estavam quase chegando cá em cima, reconhecemos e entendemos tudo. Era a Cidinha-Cidoca-Maria-Minhoca. Seria o morrer de não viver?... (EVARISTO, 2017, p. 158).

Cidinha-Cidoca era inicialmente a personificação da alegria, aquela que, “durante os anos de lucidez, representara a vida na favela” (EVARISTO, 2017, p. 158). Com o agressivo processo de despovoamento daquela comunidade e a morte de inúmeros outros personagens que compunham os becos da memória, a mulher passou a viver em um completo estado de inanição, que serviu de mote para sua repetida frase: “ia morrer de não viver” (EVARISTO, 2017, p. 157). A situação de inércia de Cidinha-Cidoca dialoga muito com a de Alípio de Sá:

Uma corda de mais de mil metros foi amarrada ao corpo do homem, e ele foi lançado no fundo da grotta. Os outros na borda do perigo deram cordas e mais cordas ao corpo de Alípio. Lá se foi ele, abismo abaixo, abismo abaixo... E quando voltou, ao ser indagado sobre o que vira lá no fundo, com olhar vazio e modo distanciado do mundo, apenas respondia: “Desça lá pra ver... Desça lá pra ver... Desça lá pra ver...” (EVARISTO, 2017a, p. 33).

O título da coletânea em que se insere este conto já denota que as narrativas são “histórias de leves parecenças”, que se interseccionam com outras e seus passos vêm de muito longe, dos entre-lugares da memória, das personagens que vitalizam a força da narrativa e o poder que a contação de história evoca. De fato, a similaridade entre a enigmática morte de Cidinha-Cidoca – bem como seu estado de inércia antes da morte – e a aporética subida de Alípio da grotta se entrecruzam, evidenciando um diálogo entre a trajetória dessas duas personagens, aproximando ainda mais os dois abismos:

O corpo esguio, o camisolão sujo, imundo, antes branco. Todos olhavam Cidinha-Cidoca. As mulheres e as crianças pareciam não ter medo. Os homens, aqueles que tinham conhecido o corpo quente de Cidinha, pareciam assustados com a eterna inércia que havia tomado conta dela. Haviam se acostumado com a loucura dela, a morte era diferente (EVARISTO, 2017, p. 159).

Em suma, há uma relação de semelhanças entre os dois abismos, bem como uma aproximação entre as trajetórias de vida de Tio Totó, Cidinha-Cidoca e a de Alípio de Sá, pois eles parecem tipificar o modo pelo qual os espaços desenrolam a erosão de suas próprias vidas. O conceito de “desdobramentos do espaço de devaneio” (GUATTARI, 1992, p. 154) se fez presente nas narrativas sobre o Buracão e a grotta funda, unindo os pontos de erosão da vida das personagens às lições afetivo-morais traduzidas pelas espacialidades, por meio dos sentimentos de angústia, tristeza e desejo de morte, os quais envolviam Tio Totó, Cidinha-Cidoca e Alípio de Sá após o contato com os referidos abismos.

#### ***4 Considerações Finais***

As vidas de Tio Totó e Cidinha-Cidoca erodiram pela presença de um espaço que se fez eficazmente nocivo à estada deles na favela. Sendo “o [espaço] social construído pelo represamento da experiência de pessoas que ocupam lugares periféricos ao plano arquitetônico dos grandes centros” (FONSECA, 2017, p. 191), não haveria, infelizmente, de se esperar um destino mais ameno para vidas tão marginalizadas. Tais fatores nos condicionam a pensar que

o Buracão e a gruta funda se estabelecem não apenas como espaços enigmáticos e de possíveis similaridades, mas também como cenários de tensão social:

O Buracão ameaça os moradores e impede que a vida possa ser o que fora um dia, quando, em torno de alguns barracos, se “plantavam mandioca, milho e verduras” que ajudavam a expulsar a fome. O Buracão faz-se metáfora de uma grande boca insaciável que engole as vítimas e, ao mesmo tempo, as expulsa para longe. O grande buraco inverte a imagem do útero acolhedor, ou melhor, recupera-a para imprimir-lhe sentidos relacionados com a morte: morte da favela, morte das vítimas sugadas por ele, morte da esperança de um espaço mais aprazível (FONSECA, 2017, p. 195).

Desse modo, a despeito da fragmentação e erosão que atinjam as experiências do velho Totó, de Cidinha ou Alípio, o espaço heterogêneo, com todas as suas formas de marginalizar os corpos periféricos em trânsitos na atmosfera social, continua apoteótico, seguindo seus próprios mecanismos de engolir umas vidas e causar letargia em outras sem findar, pois “O Buracão continuava grande e cruel. A nossa pobreza se tornou mais cruel ainda. Havia a morte. Havia a morte!...” (EVARISTO, 2017, p. 159).

Portanto, diante desses pressupostos, tornam-se ainda mais evidentes a marginalização e o desprezo que esses corpos invisibilizados recebem no âmbito de políticas estatais, estas que deveriam possibilitar novas configurações de espacialidade, as quais contemplem as heterogeneidades do sujeito pós-moderno.

## REFERÊNCIAS

BHABHA, Homi. *O Local da Cultura*. Belo Horizonte: EDUFMG, 1998.

BORGES FILHO, Oziris. A questão da fronteira na construção do espaço na obra literária. *Revista Triceversa*, São Paulo, v.2, n.1, p. 4-14, mai./out. 2008. Disponível em: <http://www2.assis.unesp.br/cilbelc/OzirisBorgesFilho.pdf>. Acesso em: 12 jun. 2020.

BRANDÃO, L. A. Espaços Literários e suas expansões. *Revista Aletria*, Belo Horizonte, v. 15, n.1, p. 207-220, jun. 2007. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/1397/1495>. Acesso em: 15 jun. 2020.

CANDIDO, Antonio (Org.). *A Personagem de Ficção*. São Paulo: Perspectiva, 2014.

DALCASTAGNÈ, Regina. *Ver e imaginar o outro: alteridade, desigualdade, violência na literatura brasileira contemporânea*. São Paulo: Horizonte, 2008.

DIMAS, Antônio. *Espaço e Romance*. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1987.

EVARISTO, Conceição. Gênero e Etnia: uma escre(vivência) de dupla face. In: MOREIRA, Nadilza Martins de Barros; SCHNEIDER, Liane (orgs.). *Mulheres no Mundo: Etnia, Marginalidade e Diáspora*. João Pessoa: EDUFPB, 2005, p.201-212.

EVARISTO, Conceição. *Becos da Memória*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

EVARISTO, Conceição. *Histórias de leves enganos e parecenças*. Rio de Janeiro: Malê, 2017a.

FINAZZI-AGRÒ, Ettore. Geografias da memória: a literatura brasileira entre a história e a genealogia. In: VIOLA, Alan Flávio (Org.). *Crítica literária contemporânea*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013, p.41-54.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. Costurando uma colcha de memórias. In: EVARISTO, Conceição. *Becos da Memória*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2017, p. 191-198.

FOUCAULT, Michel. De outros espaços. *Revista de Estudos Avançados*, São Paulo, v. 27, n. 79, 2013. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40142013000300008](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142013000300008). Acesso em: 27 mai. 2020.

GUATTARI, Félix. *Caosmose: um novo paradigma estético*. São Paulo: Editora 34, 1992.

MASSEY, Doreen B. *Pelo espaço: uma nova política de espacialidade*. Trad. Hilda Pareto Maciel e Rogério Haesbaert. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

OLIVEIRA, Luiz Henrique Silva de. O romance afro-brasileiro de corte autoficcional: 'escrevivências' em "Becos da Memória". In: DUARTE, Constância Lima; CÔRTEZ, Cristiane; PEREIRA, Maria do Rosário A. (Orgs.). *Escrevivências: identidade, gênero e violência na obra de Conceição Evaristo*. Belo Horizonte: Idea, 2016, p.71-81.

OTTE, Georg. Uma pequena história do espaço (e do tempo): o conceito espaço em Kant, Lessing, Foucault e Benjamin. *Revista Aletria*, Belo Horizonte, v. 15, n.1, p. 230-244, jan./jun. 2007. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/1399/1497>. Acesso em: 14 jun. 2020.

SCHMIDT, Simone Pereira. Nos becos da memória, a força da narrativa. In: DUARTE, Constância Lima; CÔRTEZ, Cristiane; PEREIRA, Maria do Rosário A. (Orgs.). *Escrevivências: identidade, gênero e violência na obra de Conceição Evaristo*. Belo Horizonte: Idea, 2016, p.101-107.

SCHMIDT, Simone Pereira. A força das palavras, da memória e da narrativa. In: EVARISTO, Conceição. *Becos da Memória*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2017, p. 185-190.

Artigo submetido em: 30 mai. 2022

Aceito para publicação em: 16 nov. 2022

DOI: <https://dx.doi.org/10.22456/2238-8915.124880>